

www.lux.pt
LUX

NOVEMBRO 2011 • €2,50 (Cont.)



**ESPECIAL
DECORAÇÃO**

QUARTOS DE VESTIR
tudo em ordem

SHOPPING
O QUE HÁ DE NOVO

ESPECIAL DECORAÇÃO NOVEMBRO 2011



CASAS
com alma



TOP 10 hotéis
de cidade

LUX

Quinta da Marinha – Cascais

A casa Pigmaleão

Pela mão de Pedro d'Orey, uma casa a precisar de total renovação não tardou a tornar-se moderna, atraente e funcional





O *hall* mais não é do que uma antecâmara tanto do alpendre como das salas do interior, dependendo da orientação da visita. Sob o teto de vidro, cadeira Antibodi, da Moroso (nesta página), sofá Alfa, da Zanotta, tapete Walkline riscado by QuartoSala, e candeeiros de pé: AX20, da Axo, e Cosmos, de abat-jour de folha de madeira, da LZF

Numa casa permeável
ao exterior e sem portas,
não há entradas
nem saídas
apenas passagens e acessos,
convites para ficar



Pigmaleão

Sem pretensiosismos ou artifícios outros que não o de apenas deixar tudo bem claro e esclarecido, é a Pigmaleão – rei de Chipre, segundo a mitologia grega – que recorremos. A versão que nos interessa, porque tal como na arquitetura e na decoração, convém tirar partido do que melhor nos serve, não é sequer a do poeta romano Ovídio, segundo a qual Pigmaleão era um escultor perfeccionista que talhou a pulso e na pedra a mulher perfeita. Esta ganharia vida (e com ela se casaria Pigmaleão) graças à bondade e à piedade da deusa Afrodite, que se comoveu com tal paixão. Enfim, novelas vividas no Olimpo e endeusadas por escribas não menos apaixonados, mas que deram o mote ao Pigmaleão que aqui ganha papel de protago-

nista, o bem mais moderno e muito atual “Pigmaleão” da peça do dramaturgo George Bernard Shaw – talvez a sua mais célebre obra –, também conhecida por “My Fair Lady”, uma espécie de faceta musical do mesmo enredo. Aqui chegados, à boca de cena, se quisermos, explicações se impõem. Nesta versão, um homem paternalista e um pouco afetado serve-se da sua arrogância e da sua superioridade intelectual e cultural para entrar numa quase desumana aposta, a de que conseguiria transformar uma rapariga da rua – no caso, uma vendedora de flores de um qualquer mercado londrino, e de baixa condição social – numa dama da alta sociedade, que em nada diferiria das restantes. No final, pois há que abreviar, o tutor, tal como o Pigmaleão de Ovídio, acaba por se apaixonar pela sua



Nesta sala, contígua ao iluminado hall, sobre o tapete Beiriz, cadeirões Log, da Artelano (um deles com manta Missoni). Mesa de centro Litt, da Acerbis. Candeeiros de pé: Twiggy preto, da Foscarini e Fortuny branco, da Pallucco



O recurso à domótica e a outras novidades tecnológicas transforma a luz numa perfeita marioneta, manipulada a bel-prazer e principalmente útil na sofisticada sala de cinema





Painéis de linho da QuartoSala medem, filtram e coam a densidade da luz exterior na sala multimédia. Frente ao mega ecrã, sofá Eddy, da Nube e, à laia de mesa de centro, pufe Phoenix, de Patricia Urquiola. Uma atmosfera a recordar o *film noir* que vai bem com a cadeira Euphoria (à dir.), de Paola Navone, com tecido alcantara

obra de arte, que não apenas cumpriu o sonho/aposta como o suplantou. Tudo isto para chegar ao lote Z – designação técnica desta casa e a forma como à mesma se referiram, durante meses e meses, os arquitetos e *interior designers* que a ela se dedicaram. Também eles talhando a pulso e não apenas na pedra, mas em muitas outras matérias, a casa perfeita. Teimando, também eles, em acreditar que conseguiriam fazer melhor, muito melhor do que aquilo que já tinham: uma casa de época de traçado obsoleto a pedir intervenção e contemporaneidade. Ainda que rebuscado, o exemplo serve na perfeição, pois também aqui qualquer semelhança entre o antes e o depois é simplesmente inexistente. E também aqui nos apaixonamos perdidamente pela obra final: perfeita, singela mas autodeterminada e com vontades e caprichos muito próprios. Mas saberemos sempre que foi o artista argumentista, o artesão escultor, arquiteto e interiorista quem a sonhou, quem a criou e a aperfeiçoou. No lote Z, Pigmaleão tem vários rostos e vocações, bem como nomes sonantes, não obstante desconhecidos do universo olímpico que até aqui nos inspirou. O arquiteto André Caiado assinou o projeto de modernização





Mesa de jantar Judd, da Acerbis, com cadeiras Wishbone, de Hans Wegner. Sobre elas, candeeiro Artichoke, da Louis Poulsen. Tela de Carlos Barão

No interior, e entre este e o exterior, os espaços dialogam, ainda que cada um cumpra a sua parte no todo

de toda a obra, cabendo depois ao inspirado gabinete de arquitetura de interiores da QuartoSala, liderado por Pedro d'Orey, todo o projeto de interiores. Realizar esta obra, ao fim e ao cabo implica tanto um 'realizador' como o filme "My Fair Lady", de George Cukor, em que Audrey Hepburn brilha no papel de Eliza Doolittle.

Quarto, sala e não só

Alongando um pouco mais a metáfora inicial, nesta "Fair Lady" torna-se difícil enumerar aquilo que restou por 'esculpir' e transformar. O *upgrade* aconteceu dos pés (chão e rodapés) à cabeça, agora mais inteligente, graças ao recurso à domótica, através da qual a casa se autoprograma e nem o projeto elétrico escapou ileso. Estrelas de seis pontas e rendilhados arabescos faziam parte do anterior 'guarda-roupa' do edifício – que de área bruta conta com 438 m², num total de 1259 m² de logradouro. Desse estilo inicial, muito indefinido e sem catalogação óbvia, restam os janelões contíguos, de remate superior curvo que, tanto no interior como no exterior, criam uma linha de harmoniosas arcadas. Uma irmandade simétrica que se abre ao exterior e que foi habilmente interpretada por Pedro d'Orey, que agarrou essa ambivalência quase hermafrodita

Na cozinha, em que tudo se organiza longe do olhar, sob gigantes portas de madeira, a bancada é da Silestone e os bancos que contornam a ilha central são o muito apropriado modelo Spoon, da Kartell



Diferentes cores e padrões contrastantes
enleiam traços numa
inesperada linguagem
de cariz boémio e singular harmonia





O ambiente descontraído do quarto, de estilo *blasé* e boêmio, muito deve à cabeceira da cama, estofada com tecido Missoni Home (marca que também assina as chávenas de café), e às muitas e díspares almofadas, feitas de tecido Romo. O mobiliário, escasso mas certo, inclui a estante Brera, da Emmebi, com tela de Carlos Barão (da Galeria Pedro Serrenho) e uma longa mesa-de-cabeceira – Podest, da Zeitraum. Sobre esta, candeeiro Chi, da Penta Light. No canto oposto, a assimetria resulta de uma outra opção, o candeeiro de pé Bestlite. Junto à *chaise-longue* Cousy, de Carlo Colombo, mesa de apoio Ukiyo, da Moroso



A bancada dupla, da casa de banho da *suite*, é de mármore Calacata, contrastante com a escuridão dos materiais circundantes. Decoração vibrante e 'neónica' num dos quartos júnior da casa: tapete Bologna by QuartoSala, colcha e almofadas de Christian Zuzunaga, da Kvadrat, e mesa-de-cabeceira iluminada Kubo. Na zona de estudo, candeeiro Toobe, da Kartell, e cadeira Catifa, da Arper. Escultura feita de *papier mâché*, que muitas vezes cumpre funções de pendurador



para esbater fronteiras e de dentro fazer fora, trazendo fora para dentro. Confuso? Nada disso. Atente-se na explicação de todo o conceito que Pedro d'Orey nos deixa: "Todo o projeto de interiores foi pensado de modo a criar um cenário flexível, em que os espaços exteriores se fundem com os espaços interiores. Mesmo ao nível da decoração, sobretudo nas áreas sociais, pretendeu-se criar ambientes em que os móveis são um permanente jogo de espelhos entre interior e exterior. Por isso, também o mobiliário de exterior foi pensado com particular cuidado, de modo a parecer de interior, proporcionando o mesmo conforto que se experimenta nas áreas interiores."



As áreas de vocação juvenil
brincam às escondidas
com cor e luz
criando atmosferas cálidas mas lúdicas

Assim, *in* e *out*, dentro e fora, equilibram-se e harmonizam-se, dispensando antigas e obsoletas digladiações e rivalidades. Um dos segredos para este desfecho é o ubíquo chão de *teka*, que percorre toda a casa e reforça "este jogo de indiferenciação de espaços", esclarece ainda Pedro d'Orey. Cumprindo esse mesmo propósito, o *hall* será a mais híbrida de todas as áreas da casa. Todo o vão de entrada se fecha, ou abre, conforme o capricho, os humores ou a disposição solar, graças a uma parede de vidro que um engenhoso sistema elétrico recolhe nas entranhas da própria parede da casa. Quando aberto, esta casa nem porta tem. Nem sequer teto, já que o vidro substitui a

telha no alpendre apenso, e mesmo já no interior, claraboias e pequenas janelas/montras recortadas na pedra são escotilhas pós-modernas. Tudo isto permite agora que se cumpra o grande propósito inicial, tanto do arquiteto como do *designer* de interiores: "Os espaços interiores deviam passar a ser dialogantes e de linhas límpidas e marcadamente contemporâneas, funcionando como suporte de uma decoração de inspiração cosmopolita, eclética e 'mixada' com uma forte tônica num *design* moderno e descomprometido. Mesmo a escolha dos materiais responde a uma necessidade de sobriedade e transparência do ambiente geral da casa." A explicação é, mais uma vez, de Pedro d'Orey,



e depois dela fica quase tudo dito. Em todo o projeto, vá para fora cá dentro, mais do que um mero *slogan*, é uma verdade incontornável. Uma mesma paleta de cores e o recurso a superfícies espelhadas não são alheios a todo este propósito de indiferenciação.

No início era a luz

A fim de cristalizar o desejo de total fusão, havia que trabalhar

a luz, uma das pedras basilares do projeto de remodelação, para que a ilusão fosse completa e se geminasse inequívoca e definitivamente o interior com o exterior. Os vários cenários de luz, graças ao recurso à domótica, permitem criar diferentes atmosferas e sensações, conforme a disposição, o propósito e os desejos do minuto. E já que estamos ligados à corrente, mais vale falar já de uma das joias desta coroa: a sala multimédia. Em ambiente *lounge*, de vocação intimista, mas *cosy* (nada



As várias passagens de espaço são graduais e quase ilusórias, mas guardam uma vocação única: receber quem chega. Primeiro, a céu aberto, a zona em torno da piscina. Depois, o alpendre de teto envidraçado e cortinas de teto amovíveis. A este segue-se o primeiro *hall* interior, mas a *teka* do chão transmite ainda a mesma sensação de 'exterioridade'. Só depois, a casa concreta, com paredes e telhado. Uma ilusão que a todos 'apanha'

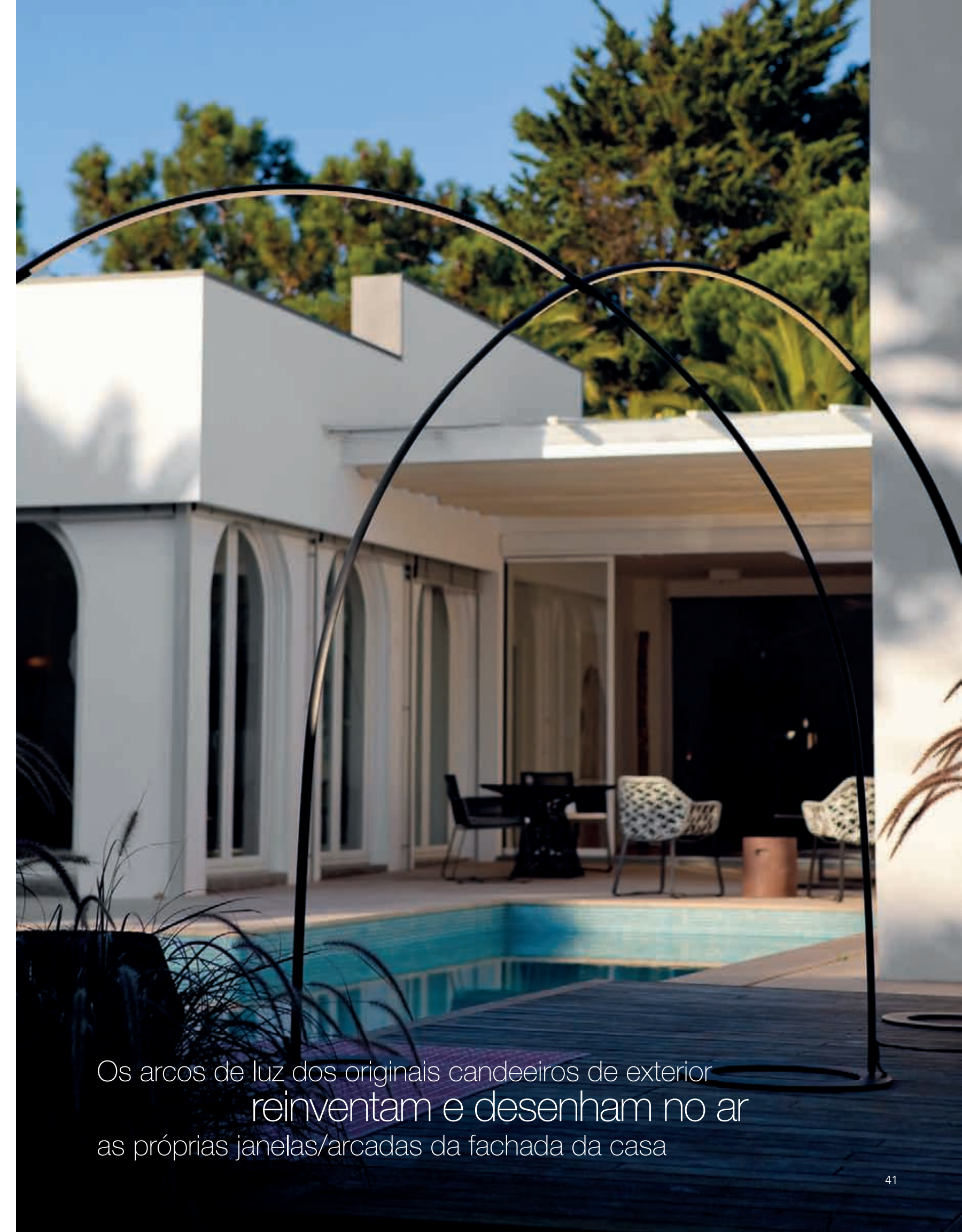
Uma parede amovível entranha-se na arquitetura do projeto abrindo os braços ao espaço lá fora, esbatendo fronteiras e recusando limites



O mobiliário de exterior dialoga diretamente com o de interior, esbatendo fronteiras entre dentro e fora e criando a ilusão de espaços unos e indivisíveis. Sofá de exterior, cadeiras e mesas, modelos Landscape e Maia, tudo da Kartell. Na página ao lado, candeeiros de exterior Halley, da Vibia

de imitar as verdadeiras e, na verdade, desconfortáveis salas de cinema, de cadeiras individuais, nem mesmo as convencionais *home-cinema*). Aqui, a ideia é poder espreguiçar no sofá, enquanto a tela é percorrida por guiões de cortar a respiração, ou não. Tanto faz. Espreguiçar é só por si um argumento suficiente. Um ambiente que as crianças conseguiram tornar ainda mais personalizado, ao 'desenharem' com os dedos riscos e rabiscos nos painéis acústicos de veludo que, à vez de telas monocromáticas, foram a parede fronteira ao grande ecrã. Modelando o som, enfeitando o olhar. É já a casa a tornar-se lar. E como início e fim podem também não ser tão diametralmente opostos como se nos apresentam numa primeira e superficial avaliação, voltámos à tela, onde se ficcionam histórias como a de Pigmeleão, pela mão da qual calcorreámos um projeto de exceção, com a ajuda dos deuses e da QuartoSala, todos mestres na complexa arte de nos fazer acreditar que mudar é possível. Senhores na arte de nos fazer sonhar.

TEXTO MARINA RIBEIRO | FOTOS ARTUR LOURENÇO

A photograph of a modern, white, single-story house with a swimming pool and a pergola. In the foreground, two large, black, arched light fixtures are positioned on a dark wooden deck, casting light onto the pool and the house. The house has large, arched windows and a covered patio area with a table and chairs. The background shows lush green trees under a clear blue sky.

Os arcos de luz dos originais candeeiros de exterior
reinventam e desenham no ar
as próprias janelas/arcadas da fachada da casa